

Domingo, 11 de Março de 1956

RUBEM BRAGA

Saudades

ENQUANTO a sua carta não vem, aqui lhe mando notícias. A primeira é que o verão acabou de repente: passou um temporal depois ficou uns dias ventando sul, mas com sol, e quando o vento girou o ar já estava macio e fino. E o mar bramia; erguendo o dorso altivo sacudia não digamos para o céu mas ao menos para a amurada do Flamengo suas vagas de espumas. As quais também comeram um trecho do Arpoador, ali perto da escadinha. E continua brava e belo, azul com manchas verdes. Do alto de minha varanda falei-lhe de você; resmungou, não disse nada. É puro orgulho, sou capaz de jurar que ele não pensa em outra coisa.

Saiu o livro com todos os poemas de João Cabral de Melo Neto com o título «Duas Águas»; se ainda não chegou às livrarias daí, diga que lhe mando um. E a revista «Pró Arte», do Chile, publicou um belo número especial sobre o Brasil, graças ao esforço do excelente Enrique Bello; o qual me escreve para contar que estêve descansando na praia de Zopallar e que lá estavam a pintorinha Paulina, a Negra Vergara e Marta, «la niña que llegó de Europa», o que seria de matar de inveja qualquer homem que na mesma época não estivesse em Ipanema com você. Aqui tem muita mulher esperando criança, o que é bom para meu amigo, o pediatra Marcelo Garcia, que fez 45 anos em flor, e já avê. Marilu Crespi também fez anos (uns 25 menos) e Segismundo Freud comemorou no túmulo, sem complexo nenhum, seu primeiro centenário de nascimento. Acho que estão dando pouca bola demais para o centenário dêle, um homem tão importante que nos ensinou que as coisas inocentes que a gente faz são, no fundo, coisas feias, mas também que as coisas feias, afinal de contas, não são feias não. Conheci uma pequena que pensava que Freud fôsse nome feio.

Bem; quanto às lembranças que tenho tido de seus cabelos, olhos, músculos e tudo mais, deixo para quando você me escrever. E talvez o faça em carta particular, pois a situação do país é demasiado frívola para que eu venha pelos jornais falar de assuntos tão graves. Deus a guarde — se possível, para mim. Beijo-lhe os olhos; adeus, princesa.